

ONTEM, AO LUAR

CANÇÃO

CATULLO DA PAIXÃO CEARENSE
PEDRO DE ALCANTARA

Moderato

ff (*Bem ligado*)

rit.... *mf*

(Menos)

1. On-tem, ao lu-ar, nós dois em ple-na so-li-dão, tú me per-guntaste o que e-ra a dôr de u-ma pai-xão.
2. trei mostrando a ti, dos o-lhos meus correr senti u-ma ni-vea lá-gri-ma e, as - sim, te res-pon-di!

(Sentimental)

1. Na-da res-pon-di!
2. Fi-quei a sor-rir,
1. Calmo assim fi-quei! Mas, fi-tan-do a-zul do a-zul do céu a lua a-zul eu te mos-

frit. molto

1. 2.
2. por ter o pra-zer de ver a lá-gri-ma nos o-lhos a so - frer. A dôr da paixão não Pergunta ao luar tra -

1. tem ex-pli-ca-ção!
2. ves-soe tão ta-ful,



Co-mo de-fi-nir o que só sei sen-tir!
de noi-te a cho-rar na on-da tô-da a-zul!

É mis-tér so-frer,
Pergunta, ao lu-ar,



1. pa-ra se sa-ber o que no pei-to o co-ra-ção não quer di-zer!
2. do mar á can-ção, qual o mis-tê-rio que há na dôr de um pai-

|| 2. -xão.

Ao  e segue ao 



1. Se tu de - - se-jas sa-ber o que é o a-mor e sen-tir o seu ca-lor, o a-ma-ri-si-mo tra-lên-cio afa-lar na so-li-dão do ca-la-do co-ra-ção a pe-nar a der-ra-



rit. Fim

1. ver do seu dul-çor,
2. mar os pran-tos seus!

1. so-be um monte à beira mar, ao lu-ar, ou-ve a on-da sô-bre a-



|| 2. 2. rei-a a la-crimar Ouve o si- Ou-ve o chôro pe-re-na, a dôr si-lente, univer-sal e a dôr maior que é a dôr de Deus.



rit. mf

Do  ao  para acabar

ONTEM, AO LUAR

CANÇÃO

(1.^a Parte)

Ontem, ao luar,
nós dois em plena solidão,
tu me perguntaste o que era a dor
de uma paixão.
Nada respondi!
Calmo assim fiquei!
Mas, fitando o azul do azul do céu,
a lua azul eu te mostrei...
Mostrando a ti,
dos olhos meu correr
senti
uma névea lágrima
e, assim, te respondi!
Fiquei a sorrir,
por ter o prazer
de vêr
a lágrima nos olhos a sofrer.

(1.^a Parte)

Quando uma impiedade te vier
nalma esfolhar
dos agros pesares
o nigérrimo pesar,
a mágoa cruel,
a dor mais revel,
a que tem mais fel
e que contém o doce mel
das flores tôdas de um vergel...
a que me faz enlanguescer,
dor, que, dia a dia,
vejo rejuvenescer,
tu hás de sentir
no peito a sangrar
o coração,
gota por gota,
a soluçar.

(2.^a Parte)

A dor da paixão
não tem explicação!
Como definir
o que só sei sentir!
É mistér sofrer,
para se saber
o que no peito
o coração
não quer dizer.

(2.^a Parte)

Pergunta ao luar,
travesso e tão taful,
de noite a chorar
na onda tôda azul!
Pergunta, ao luar,
do mar à canção,
qual o mistério
que há na dor de uma paixão.

(1.^a Parte)

Olha como a tulipa envelhece
a desmaiar
e como languesce
num adeus crepuscular
e, órfã de amor,
tôda multicolor,
ao doce frescor
do suspirar,
do soluçar
da venturosa,
harmoniosa
e generosa
viração,
suspira
e atira
as suas pétalas no chão!
Sente a flor brotar!
Logo após murchar!
Sente-a morrer...
e a dor
da flor
hás de entender.

(3.^a Parte)

Se tu desejas saber o que é o amor
e sentir o seu calor,
o amaríssimo travor
do seu dulçor,
sobe um monte à beira mar,
ao luar,
ouve a onda sôbre a areia
a lacrimar!
Ouve o silêncio a falar
na solidão
do calado coração,
a penar,

a derramar

os prantos seus!
Ouve o chôro perenal,
a dor silente, universal
e a dor maior,
que é a dor de Deus.

(3.^a Parte)

Quando Jesus, meigamente
solitário,
no cimo do calvário,
seus olhos, indulgente,
erguia
aos céus,
quanta dor, quanta poesia,
a penar,
nos seus olhos luzluzia,
a meditar!
Não era a dor de não ter
êsse poder
de remir
a humanidade
da eterna atrocidade
do sofrer!
Era, sim, a crúcea pena
de sentir
por Madalena
o coração
desfalecer.

(1.^a Parte)

Se tu queres mais
saber a fonte dos meus ais,
põe o ouvido aqui
na rósea flor do coração,
ouve a inquietação
da merencórea pulsação...
busaa saber qual a razão
porque êle vive, assim, tão triste,
a suspirar,
a palpitar,
em uma desesperação,
a teimar,
de amar
um sensível coração,
que a ninguém dirá
no peito ingrato em que êle está,
mas que ao sepulcro,
fatalmente, o levará.